



Podemos rir da morte? A gaja não tem cuecas!

Ar moral que eu tinha e costumava ser de aço parece agora cada vez mais bofes de vaca!

SALUT !

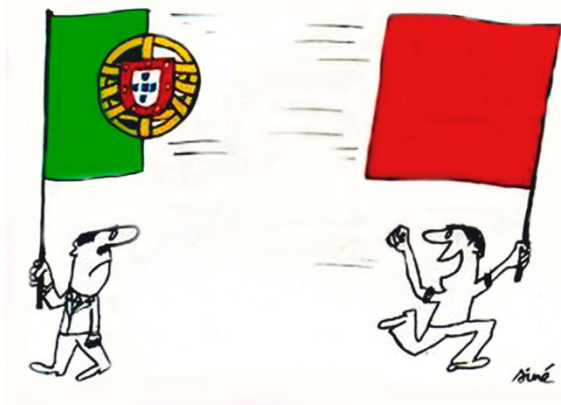


Histórias há que melhor seria começar pelo fim e a do Siné será uma delas. Morreu de morte macaca, sabendo de antemão que assim seria: morte por muitos que não ele há muito desejada, pelas patifarias com que alegremente os prendava. Por isso, há muito que proclamava: « Morrer? Antes estoirar! ». Por isso mesmo, por causa do tabaco, precaveu-se. Comprou um talhão no cemitério Père-Lachaise, na cidade da luz, o das celebridades, um dos campos santos mais monumentais do mundo, e desenhou o sepulcro: uma pedra tosca de onde se eleva um falo descomunal disfarçado de gato. A coisa tinha de ser picante. Esta é a última parte da história. A penúltima dura cerca de dois anos

e termina em finais de 2010. Começa com umas graçolas suas numa crónica do *Charlie Hebdo*, a célebre revista onde trabalha há vinte anos, visando o filho do ex-presidente Nicolas Sarkozy. O rapaz, Jean Sarkozy, 21 anos, de direita, em meteórica ascensão política, criticado por franceses e não franceses também escaldados, é acusado de «queimar etapas na sua ambição de criar uma linhagem». O Siné junta-se ao barulho quando o rapazote se casa com uma judia insonsa, Jessica Sebaoun-Darty, herdeira da afortunada família que ergueu o gigante Darty, grupo de empresas de electrodomésticos e bugigangas electrónicas que abastece grande maioria dos franceses, que tarde se dão conta de estarem a comprar aparelhos de vida curta, como os dos chineses. Católico, fervoroso por genuíno amor, o Jean perde a fé e converte-se ao judaísmo. «Há de ir longe na vida, esse miúdo!». diz o Siné. E « Pataras! », foi quanto bastou. Extremam-se as pressões, que fazem recuar Philippe Val, o director da revista, que exige que o Siné peça desculpa ao rapaz. «Antes cortar os colhões!» eis a resposta. É posto no olho da rua, mas não se conforma. Move um processo e ganha, embolsando 40.000 € de indemnização por agravos à liberdade de imprensa.

Aqui começa a segunda parte da história, a do meio. Estamos no início da década de sessenta, quando, com os meus verdes dezanove anos, chego a Lisboa vindo do Portugal profundo para fazer estudos mais avançados que os do liceu. Venho de um colégio marcial onde fiz amizade com o Ilídio Ribeiro, parceiro de ousadas aventuras que, por graça de Deus ou do Diabo, não chegaram para nos pôr atrás das grades. Metidos em edições subversivas que dariam que falar, lá fomos publicando uns livros até surgir a MONDAR editores, em que seria publicado um dos mais perigosos, a CIA, obra virtuosa do Siné. No prelo, pouco antes da Revolução dos Cravos, a PIDE tentou caçá-lo. Valeu-nos o Diabo, que pôs à solta aqueles desbragados militares do revirvalho (hoje ainda há quem teime reverter o pouco

que disso resta). Valeu-nos a mesma insensatez dos verdes anos que nos levou a Paris, onde descobrimos um tal Maurice Sinet que se regalava em boémias loucas e provocações incendiárias. De lá trazíamos obras fracturantes editadas por Jean-Jacques Pauvert e o *Siné Massacre* (aparecido em 1973). É nessa onda que o Maurice embarca, voando para Lisboa na véspera do 1º de Maio, entusiasmado com as notícias. Instala-se em minha casa, com uma prendinha na mão: uma caixa de puros havanos, oferecida pelo Fidel, lembrança de Cuba de onde há pouco viera. Moro em Alvalade. Ando a filmar os acontecimentos e ele segue-me, de olhos arregalados. Ao acordar na manhã do dia dois, vejo-o sentado à mesa da sala de jantar a traçar uns gatafunhos de onde saem dois desenhos: um



soldado armado coberto de cravos e uma bandeira verde e vermelha desdobrando-se em duas, a verde hasteada por um personagem sorumbático com bigode à Hitler e a vermelha por um jovem sorridente de punho erguido. Bom e mau prenúncio num só papel.

O princípio da história, a do fim assim contada, não é de espantar. Maurice Sinet, conhecido entre os amigos por Bob, nasceu em Paris no último dia do ano de 1928 (uma turbulenta segunda-feira em que a França esteve à beira da catástrofe), é filho de um cadastrado,

ferreiro de profissão, condenado a trabalhos forçados, e de uma humilde merceira. Vive na infância entre o bairro de Barbès, popular e barulhento, e o de Pigalle, lugar de bordéis, de facínoras, de bôfia corrupta. Aos catorze anos, entra na escola *Estienne*, onde aprende a desenhar. Para ganhar a vida, canta de noite em cabarés. Entre os dezoito e vinte, fixa-se num deles, conhecido como Os Rapazes da Rua (*Les Garçons de la rue*). Cumpre o serviço militar, quase todo na cadeia. Dedicar-se depois ao desenho, rematando fotografias pornográficas, ao serviço de um comércio em que germinam artes e géneros que perdurariam até hoje, em múltiplos suportes e versões. Não se envergonha por isso, antes pelo contrário, serve-lhe para fazer corar rostos líridos. Ganha em 1952 o Grande Prémio de Humor Negro do tabloide *France Dimanche*. Em 1957, desenha para uma revista anticlerical e faz-se notar pelos gatos, alegres litografias que representam notórias criaturas com fonética de *chats*. Passa a trabalhar como ilustrador político para o hebdomadário *L'Express*, laico, meio de esquerda, meio de direita, conforme as ocasiões. Em plena crise do colonialismo francês, atreve-se a ilustrar os desmandos gauleses na guerra com a Argélia. É ferozmente castigado. Sai da revista enraivecido e lança o tal *Siné Massacre*. É então que, perante os olhos da multidão, arcando com nove processos judiciais, cai nos braços de Jean-Jacques Pauvert, que lhe solta a raiva. Ano de 1968: *L'Enragé* e a *CIA*. Dura o *Massacre* em livro de bolso até 1973. Acabada a festa, põe-se a desenhar cartazes a pedir socorro (*Au secours!*), com mais dois compinchas aflitos, para o editor Calmann Lévy. Pouco tempo depois chega a Lisboa para apoiar a edição da *CIA*. Volta a Paris com uma cópia em bruto daquilo que eu filmei sobre o 25 de Abril e o 1º de Maio.



Dele não terei mais notícias, nem das imagens que levou debaixo do braço. As grandes potências que ele abominava deram morte macaca ao revirinho. Desligou. Ficou-se nas tintas. Portugal?... Volvidos anos de silêncio, vai-se de morte macaca. Morte macaca como a dele teve o Ilídio, que nunca fumou um cigarro.



«Adeus e morte feliz !»

Para ilustrar a sua, a que faltava o adeus, desenha o Siné um esqueleto. Braço esquerdo erguido, mão aberta acenando, « SALUT ! » escrito por cima da caveira. Por baixo do braço erguido, também escrito à mão, um amável desejo: « ... et bonne mort ! ». Descobri o adeus na Net. Sentido, respondo com o dedo maior.

Ricardo Costa, 31 de maio, 2016
ricardocosta.net

CRAVOS DE ABRIL – crónica inconveniente da Revolução dos Cravos

http://rcfilms.dotster.com/CRAVOS_DE_ABRIL.pdf

A Scooter, a Sarkozy and Rancor Collide

http://www.nytimes.com/2008/08/05/world/europe/05france.html?_r=0

Maurice Sinet dit Bob Siné, caricaturiste

<http://rocbo.net/illus/sine/>

TWITS

<https://twitter.com/sinemensuel>

Le dessinateur Siné en cinq dessins

<http://www.europel.fr/culture/le-dessinateur-sine-en-cinq-dessins-2737483>

Siné, o cartoonista ou os gatos também choram! – Siné, le cartooniste ou les chats aussi pleurent!

<https://lechatdanstouseetats.wordpress.com/category/o-gato-e-os-humoristas-le-chat-et-les-humoristes/>

Siné Mensuel

<https://twitter.com/sinemensuel>

Entretien avec Siné

<http://www.humanite.fr/sine-non-je-ne-me-resignerai-jamais>

HOMENAGEM a SINÉ

no

MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA (Porto)

<http://www.museudaimpresa.pt/?go=noticias#anchor1657>

EXPOSIÇÃO inaugurada no dia 23, julho 2016, 15h

Estrada Nacional 108, nº 206, 4300-316 Porto

Junto à

Ponte do Freixo

Telefones 22 530 66/ 22 530 06 48

mni@museudaimpresa.pt

MAPA

<http://www.museudaimpresa.pt/?go=mapa>